

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRA SERIE

ANNO I SETEMBRO 80 N. 4



PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877

R. H. 1877

PARSONS & COMPANY

NEW YORK

1877

TRIBUNA DO PARTHENON

MISSÃO DA MULHER

PRELECCÃO PELO SOCIO FREDERICO E. E. DE VILLEROY,
NO SARÃO DE 14 DE AGOSTO

§

Passando agora da especie para os dous individuos que a representão, chegaremos, mediante ligeira analyse, ao nosso ponto objectivo, á determinação da *Missão da mulher*.

Para que ao homem e á mulher coubessem iguaes funcções, incumbissem os mesmos deveres, era mister que elles fossem iguaes, que dispuzessem de iguaes meios.

Será assim?

« Dous corpos iguaes se repellem », « duas forças iguaes se neutralizão », são axiomas inconcussos de mathematica, de que não ha duvidar.

Ora o homem e a mulher buscão-se instinctiva e espontaneamente, amparão-se, auxilião-se reciprocamente e de seus esforços combinados nasce o duplo resultado do progresso physico e moral da humanidade.

Esse resultado um só delles não poderia produzir, e é por isso que um ao outro se procurão para mutuamente se completarem e assim constituirem a individualidade humana.

Com effeito, nós o estamos constantemente observando :
O menino, com seus soldadinhos de chumbo, a menina.

com suas bonecas, sem aspirações, sem cuidados, com o deleixo e isenção próprios da idade, brincão sóinhos, entregues unicamente ao prazer do momento, sem se chegarem um ao outro, sem se deejarem sequer.

Depois as meninas buscão a convivência de suas companheiras, como o menino a de seus camaradas.

Passa a primeira infancia e começa então a invasão reciproca dos arraiaes :

As bonecas reclamão já um padrinho, antes passavão, perfeitamente só com a madrinha ; os soldadinhos carecem de uma admiradora de seu garbo, de suas proezas, precisão de umas delicadas mãosinhas que lhes preparem uma bandeira.

E as relações encetão-se e a sociedade lança as suas primeiras raizes.

Passão os annos . . .

A descuidosa menina, o improvisado cabo de guerra; desaparecerão ; em seu lugar encontramos a donzella scismadora, o jovem ambicioso.

Ella sente operar-se em todo seu ser uma estranha revolução!

Os brincos infantis já não têm para ella o menor encanto, causão-lhe tédio já as innocentes bonecas.

Ella sente n'alma um mundo de illusões, que a inebrião, que ora a delectão, ora a perturbão e incommodão, e que ella não comprehende ; um mundo de affectos novos, que não se dirigem aos paes, aos irmãos, nem ás amigas, e que ella tem necessidade de ver empregados e correspondidos!

Ella sente tambem que é fraca como a flôr, que uma força irresistivel a separa da haste e que por tanto ella necessita de um olhar que a acaricie e anime, de um forte braço que a ampare e proteja, de um outro seio que lhe dê calor, de um coração que responda accordo ao palpar do seu, de uma intelligencia robusta e vontade firme que a dirijão, de uma vida enfim que com a sua se identifique, se confunda!

E não é naquelles entes que outr'ora lhe erão tudo, que

ella encontra o pousio ao seu anhelar constante e ardente; é 'num ente ainda semi-vaporoso, porém que muito breve se vai consubstanciar em um galhardo moço.

Por seu lado, o mancebo, zombando já dos folguedos e entretenimentos dos passados tempos busca no estudo uma sciencia ou arte para professar, e no seu afan de progresso, nas suas ambições de futuro e gloria, elle só vê, no altar mór do templo, o anjo faceiro que lhe offerece sob as niveas azas um doce abrigo nas tempestades da vida, que amoroso lhe sorri, que lhe acena com celestial ventura e que não é outro senão a donzella que já lhe encanta os sonhos e que ha de em breve completar seu ser!

Dá-se então um interessante phenomeno: Por isso mesmo que instantemente se desejão e se empenhão em reunir-se, um do outro se afastão, e parecem caminhar em direcções divergentes:

Ella, a livre e ligeira borboleta de outr'ora, delicada e mimosa sensitiva hoje, contrahe-se pudibunda e timida á sombra benéfica do lar, onde no exemplo e nas lições maternas adquire, com os habitos da familia, as virtudes e a instrucção, que vão amparal-a, e dirigil-a na vida e ali faz-se — mulher.

Elle, o pequeno, travesso menino de então, boje forte, reflectido e ousado e cheio de enthusiasmo e fé, atira-se ás lidias do mundo, expõe-se ás intemperies, ao furor das procellas, ao tumultuar das paixões: estuda, trabalha, pelega e soffre, escudado nos bons sentimentos que no lar bebeu, e faz-se — homem.

E tudo isto é natural, está de accordo com a organisação de um e outro.

Todo o corpo do homem tem mais desenvolvimento, mais consistencia, mais robustez, mais vigor; o que o torna mais apto para as fadigas, para os trabalhos peizados e arduos, como a cultura do solo e sua defosa.

A mulher, mais fragil e delicada, tem a flexibilidade e destreza que demandão as obras minuciosas e os detalhes domesticos.

Nella é muito mais rico o tecido celular, que dá-lhe esse arredondamento de fórmãs, essa suavidade de contornos, que tanto a embellecem o tanto a distinguem do homem.

Sua pelle é mais branda, mais tenue e portanto menos resistente, mais sensível a todo contacto.

A substancia de seus nervos é menos densa; menos consistente que no homem; pelo que, sendo mais sujeita á excitabilidade, suas impressões são mais violentas, mais vehementes as suas sensações, mais melindrosa a sua susceptibilidade.

Na mulher, são mais que no homem desenvolvidas as partes posteriores do craneo e menos as anteriores; correspondendo estas ás faculdades intellectuaes e aquellas ás qualidades affectivas, é claro que predomina no homem a intelligencia, na mulher o sentimento.

Assim: No homem — a força, o arrojo aos grandes commettimentos, a ambição constante.

Na mulher — a fragilidade, a tendencia e aptidão para as occupações leves, o amor perenne.

No olhar do homem — brilhão a energia, a audácia, a impaciencia, que se traduzem em toda sua physionomia, em todos os seus gestos sobranceiros e vivos.

No da mulher — lê-se a hesitação, a timidez, a resignação, que se manifestão em seus mimosos traços, em sua faceira structura, em seus movimentos e ademanes suaves e moderados.

Na frente do homem — os sulcos da reflexão, a vastidão de pensamentos.

Na da mulher — a volubilidade e horisontes mais limitados.

Na voz do homem mais grave e mais extensa, vibra o tom do commando; a da mulher, doce e flexível e mais adaptada ás modulações do canto, sôa como a supplica, como a amorosa queixa.

Elle entra pois, no commercio da vida, com a força, a intelligencia e a vontade.

Ella — com o sentimento e a belleza, o instincto e a abnegação.

A elle portanto os grandes trabalhos e direcção social ; a ella os talentos recreativos e as lidas domesticas.

Se indagassemos tambem, na partilha dos bens terrestres, a parte que a cada um distribuio a natureza, veriamos ainda a mesma distincção : Para o homem, a floresta com seus mysterios e perigos, — para a mulher o prado com suas flores e alegre tranquillidade ; para o homem o carvão de pedra e a cantaria, — para a mulher as perolas e os brilhantes ; para o homem, o fogoso cavallo, o bravo touro e o cão vagabundo e irascivel ; — para a mulher, a brincadora cabra, a docil ovelha e o gato sedentario e pacifico.

— Tornemos porêm aos nossos dous romeiros, que deixámos caminhando em direcções excentricas.

Tendo percorrido, cada um de seu lado, na estrada da vida, os estadios que sós podião percorrer, eil-os que convergem fatalmente ao mesmo ponto, encontram-se, reconhecem-se, comprehendem-se, dão-se as mãos, unem-se em fervoroso, casto e eterno amplexo, para, assim estreitamente ligados, continuarem juntos a sua peregrinação, um ao outro se amparando, se animando, repartindo entre si os trabalhos da jornada segundo as suas forças e aptidão, como compartilhando dos seus perigos, das flores e dos espinhos, que na estrada lhes surgem.

Ahi tendes, senhores, naturalmente constituida a familia, a quem breve vem completar o dulcissimo fructo dessa união.

E' só agora, minhas senhoras, que a mulher começa a desempenhar a sua verdadeira, augusta missão !

Agora que ella vem de coroar a pura fronte com os dais mais fulgentes diademas, ennobrecer-se com os mais altos, pomposos titulos que podem adornar a mulher, os santos titulos de : Esposa e Mãi !

Esses titulos, que a natureza lhe havia predestinado e cujos deveres e prerogativas a religião do Christo veio con-

sagrar, erguer á altura do mais elevado sacerdocio !

Esposa e mãe !

E' então que a mulher é realmente grande, sublime, divina mesmo !

Fraca, menos pensadora, mais subordinada, por sua organização, ás influencias externas, ás impressões de momento e por isso de vontade menos independente e energica, — ella precisa do appoio e da direcção do homem ; essa protecção porém que delle recebe, paga-a ella então com os inextinguíveis thesouros de seu coração, onde brilha inextinguível a triplice sagrada chamma da fé, da esperanca e do amor !

Ao passo que elle procura, nos trabalhos proprios de sua natureza, os recursos necessarios á manutenção, ao bem estar da familia ; ella, o anjo custodio do lar, lá está, desvelada e meiga, pensando no filhinho, a quem ensina a balbuciar, antes de tudo, a palavra papá, isto é, o titulo do ente a quem ella se sente mais intimamente ligada que a hera ao carvalho, de quem se reconhece tão dependente como o mesmo filhinho !

E, quando o esposo chega, abatido pelas fadigas do dia, desgostoso por esse lutar incessante, em que o menor triumpho custa sempre uma parcella da vida, em que os dissabores e decepções estão de mil para um na proporção dos prazeres ; lá está ella, terna e carinhosa, á porta do lar bendito, que o espera com a placidez na frente, o sorriso nos labios, os braços abertos para recebê-lo, o coração transbordado dos mais puros affectos !

E elle, ao respirar essa suave, perfumada atmosphera, ao concheio dessa doce, dedicada amiga, sente esvaecerem-se-lhe as magoas, reconhece-se duplamente forte, cobra novos animos ; a alegria, e a ventura reentrão-lhe no coração e elle diz em seu intimo : « Que importão as agruras da vida, qu'importa esse mundo a esphacelar-se, corroído pelas suas paixões ? A ventura está aqui, cerca-me de todos os lados, eu a vejo, eu a sinto, eu a toco ! Ella esta

aqui, nessa deliciosa creatura, nessa querida companheira, nessa ametade de mim mesmo ! »

Como isto é bello, como é poético !

Que quadro achareis ahi mais encaentador, mais arrebatador que este ?

Que scenas mais commoventes que as da familia ?

Onde e quando mais sensivel se nos patentêa a admiravel natureza, de que na fusão completa desses dois seres numa só individualidade pela harmonia e dependencia reciproca, determinadas pela sua organisação ! ?

E para dar mais realce, mais belleza ao quadro, para mais firmar essa lei, aquella gentil creancinha, a reprodução de ambos, de ambos igualmente dependente ; aquelle innocente anjinho, cujas caricias um ao outro se disputão !

Esposa e mãe ! Duas pequenas palavras que encerrão tudo quanto ha de grandioso, de santo, de respeitavel sobre a terra !

Esposa e mãe ! Quem ha'hi que não sinta, ao ouvir taes nomes, estremecerem-lhe uma a uma as fibras d'alma ? !...

Esposa e mãe ! Essa dupla missão, que se resume na de *Mãe de familia*, eis-aahi a missão DA MULHER, não prescrita pelos legisladores, mas pela natureza, contra a qual serão sempre impotentes todos os theoricos do mundo !

§

E' certo entretanto que contra esta, não direi opinião, mas lei, uma nova propaganda levantão officiosos paladinos, proclamando a *emancipação* da mulher.

Não comprehendo bem o alcance de semelhante absurdo.

Segundo porém tenho ouvido dizer, pretendem os propagandistas :

« Que devem ser quebradas as cadeas que retêm a mulher no lar, que deve ser-lhe franqueado o mundo, abertas as portas a todas as aspirações, facultadas todas as posições do homem na sociedade. »

Fazendo-se assim da mulher um segundo homem, é

consequencia logica, fatal — ou a suppressão della, como inutil, ou a conversão do homem em mulher para substituil-a.

Teriamos então uma soberba criação, representada por dous curiosos especimens, a que o bom senso publico já de antemão tem classificado: A mulher-virago, e o homem-maricas, duas creaturas realmente disformes e nada sympathicas, nada attrahentes!

Completa inversão da natureza! Extravagante aberração do espirito humano!

Pois não é claro que, para obter-se essa celebre *emancipação* da mulher, seria preciso primeiro *emancipal-a* da propria organisação, o que é impossivel absoluto?!

Não é ainda claro que o producto de semelhante disparate posto em acção seria a destruição da familia e consequentemente de toda a sociedade, de quem é ella o typo, a base?!

Entretanto estudemos um pouco a questão.

Emancipais a mulher, Srs. propagandistas:

Apresentais-m'a — procurador de causas, requerendo nas audiencias; — bacharel, pleiteando nos tribunaes; — engenheiro, assentando os trilhos para as locomotivas; — politico, arengando ás turbas na praça publica ou discutindo nas camaras . . .

Em uma palavra, tirais-me a mulher do lar:

Que me deixais nelle? O homem, o marido?

Mas o homem não tem essa sciencia peculiar á mulher para comprehender os vagidos como os sorrisos do filho, para conhecer e remediar-lhe as necessidades, para dirigir-lhe os primeiros passos, para finalmente, formar-lhe o coração, inspirando-lhe os nobres sentimentos que devem dirigil-o na vida!

Se não é o homem, a quem deixais então? — A credda, a escrava?

Mas quem pode dar o que não tem?

Que educação poderá dar ao vosso filho a mercenaria

creada, a degradada escrava, tão ignorantes ambas quão viciosas geralmente ?

E que paiz, meus senhores, que paiz desgraçado não seria aquelle cajos cidadãos se tivessem formado sob os auspícios de tão esmerada educação ? ! . . . Não é verdade ?

Se má é pois a 1ª hypothese, pessima é a segunda.

E depois, senhores, quem vos autorisa a arrancar o filho á mãe, a mãe ao filho ? . . .

Prescindo, por não mais cansar a vossa paciencia, de considerar ainda a mulher emancipada nos duros, arriscados trabalhos da grande agricultura, da navegação, da milicia, dos officios do pedreiro, do ferreiro, do carpinteiro, etc. ; como tambem deixo á vossa percepção, ao vosso juizo os ridiculos episodios, as scenas tristes, as consequencias funestissimas da pretendida emancipação.

Cumpre-me porém ponderar que não se deve confundir, como muitos o fazem, a illustração da mulher com a theoria absurda que combato.

A mulher necessita de illustração ; não daquella que lhe possa desviar o espirito de sua missão, mas da que a habilite para melhor desempenhal-a, para fazer della uma digna mãe de familia, uma perfeita companheira do homem.

Por este principio pugnei e pugnarei sempre, pois amo a mulher como ella deve ser amada e curvo-me com respeito e veneração perante a verdadeira Mãe de familia.

— Agora, agradecendo a vossa complacencia, concluirei, fazendo um appello a vós, minhas senhoras, para que não vos deixeis illudir por esses que falazmente se apregoão vossos adoradores e advogados de vossos direitos.

Elles não passão de vendedores de bullas falsas !

Não é a vossa soberania que elles querem, é a vossa degradação !

Fitão invejosos a eminencia de vossa posição, veem-se forçados a curvar-se ante vossa realceza, e, não podendo subir até vós, querem baixar-vos até a si.

nós, atirando-vos neste chareo impuro em que nos debatemos !

Querem quebrar-vos a corôa e o sceptro !

E' no lar, minhas senhoras, que magestoso se levanta o vosso augusto throno !

E' nesse mystico sanctuario, onde as rosas do pudor, que constituem a vossa principal belleza, exhalão sem medo sua celestial fragrança, seu suavissimo aroma, onde as vossas azas de cysne conservao immaculada a deslumbrante alvura !

E' nesse sanctuario de amor e dedicação, que sois a segunda providencia do homem na terra, a sua consolação, o seu enlevo, a senhora de seu querer !

E' de ahi que dominais, soberanas absolutas, o mundo inteiro, é de ahi que dispondeis dos destinos da humanidade !

Sim ! porque é ahi que dais o bom conselho ao esposo, é ahi que formais, que educais o menino de hoje, o cidadão de amanhã, o homem do futuro !

E feliz, minhas senhoras, mil vezes feliz aquella que, ao desprender-se da terra, puder, em nm derradeiro sorriso, dizer em sua consciencia :

« Cumpri devidamente a minha missão : fiz a felicidade de meu esposo, de quem fui extremosa e fiel companheira ; fui boa, verdadeira mãe, pois que eduquei meu filho, nos sublimes preceitos do Crucificado : *Amor de Deus e dos homens* ; ensinando-lhe que « o homem pertence mais á familia que a si, mais á patria que á familia, mais á humanidade que á patria. »

Oh ! é realmente divina, é invejavel a vossa missão ! Compenetrai-vos della, cumpri-a com consciencia, e Deus vos cumulará de suas bençãos, e a humanidade agradecida vos renderá o mais humilde, o mais sincero eulto !

— Quanto a vós, meus senhores, se comigo não estais de accordo, dir-vos-hei sómente :

Tomai para vós todos os exercitos e armadas com seus arsenaes bellicos, e todos os doutores e lettrados e politicos, com todas as suas letras e tretas ; dai-me só uma du-

zia de mãis de familia, que, conscientes de sua missão, perfeitamente a desempenhem, — e en accito a batalha, seguro do meu triumpho!

Sim! Eu vos vencerei infallivelmente! Vós vireis depôr aos pés desses novos guerreiros as vossas armas e estandartes! Eu conquistarei o mundo e chegarei ovante ao termo de nossa campanha, vendo traduzida em facto a lenda da nossa bandeira: *A humanidade uma só familia, Deos o pai universal, os homens todos irmãos!*

LULUCHA

(ROMANCE)

IV

O DESCORONHADO

Elle voava-n'um lindo cavallo de pello azulego. Precedia-o um enorme cachorro brazino, fructo do cruzamento de um galgo com um cão de pastoreio. Ia acuando após um suçupara que parecia ter azas nos pés.

O cavalleiro revolteiou o laço, que distendendo-se como a caninana sobre o folheto, foi tomar o veado na armadilha. O animal preso espinofeou desesperado.

— Baixo, Gambeta! gritou o laçador, bancando-se na redea.

O sabujo obedeceu, deitando-se por terra com as mãos estendidas para a frente, a resmoncar entre dentes e com o olhar a despedir seentelhas pelo excesso da carreira e pela anciedade de saltar sobre a preia.

O caçador apiciou-se, fez algumas colhas do laço até ter o suçupara junto a si, e travando de uma adaga á cinta, cujo cabo de madeira era retovado como o tauguary de rez bem secca ao sol, sangrou-o.

Isto foi rapido.

Eu estava presente e assistira a pericia e rapidez com que o moço executára todos estes movimentos.

— Bom dia, patricio, disse me, elle, com franqueza o cordialidade.

Retribui-lhe o cumprimento.

— Então caçava? ajuntei, para dizer alguma coisa que dêsse assumpto á conversação.

— E' verdade. Eu vi quando hontem chegou já por um bom pedaço da noite, o por Deos! gostei da sua estampa, patricio! Por isso fui logo rondar uma paca que estava cevada na roça ali da ribanceira d'aquelle sangão. O bichinho quasi engarmpou-me. Esperei-a no milharal quasi duas horas, a um tiro de laço do caminho em que é vezeira, antes que apontasse. Tambem quando botou os olhos em mim, partio como um parelheiro na raia. Não foi nada! A terceirola de meu pai não nega fogo, nem erra o alvo... Tiro e quêda... A bala bandeou-a de lado a lado... Era preciso fazer uma patuscada á viuda do patricio e eu seria um rodelhudo, um...

— Então é por minha causa?

— Sim, e fica desde já apalavrado para o farrancho.

— Pois não. Quando?

— Amanhã. Inda que mal lhe pergunte, como é sua graça, patricio?

— Augusto. É a sua?

— A minha? José, porém este povo dos arredores só me trata por Zéca Moxiba.

— Ah!

— Já sabia? Já disserão cobras e lagartos de mim, não é? O padrinho! Esta peonada theatina que vive a gauder em todos os campos?

— Não ouvi nada a seu respeito.

— Se não ouvio, ha de ouvir. Se disserem que sou um descoronhado, um gavionaço, por Deos! não dê fé. Ainda o padrinho, vá, é... meu padrinho! Mas uma tropilha de adulões que andão de sol a sol a catucal-o para vêr o que faço!... Eh puxa, enredadores, que se eu pudesse, já tinha feito sinuêlo para botal-os fóra da estancia como a gado chucro que vai para a carneação!

— Não darei ouvidos a quem quer que seja. Estou prompto a ser seu amigo. Assim o tempo não desminta.

— Por mim não será, o homem que me cahe em graça, é para mim como o cabeçalho e muchacho do carro.

— Agradeço-lhe tambem a amizade que me offerece com tanta lhaneza.

E estendi-lhe a mão que elle estreitou com o rude, porém siucero aperto do campeiro.

— Volta para a casa?

— Volto.

— Vou acompanhal-o até pe.tinho.

E foi collocar o veado na garupa, onde já se achava a paca.

Então tive occasião de apreciar-o mais detidamente.

Zéca Moxiba era um lindo ~~manco~~ de vinte e dois annos pouco mais ou menos. Nas gerações degeneradas de nossas cidades, principalmente do littoral, rachiticas, cheias de vicios de compleição, onde o temperamento lymphatico predomina, raças que vão successivamente de prole em prole extinguindo o typo primitivo, difficilmente se encontraria uma figura de belleza e fórmas mais varonis que o moço serrano.

A cutis ligeiramente amorenada trazia longo rosquicio de sangue indigena e transverberava nos rúbeos reflexos o vigor, a força, a vitalidade.

Não era n'aquelle vulto esculptural que se depararia a musculatura e carnes flacidas, e o rosto pallido e doentio que constituem hoje os encantos d'uma litteratura bastarda e caturra.

Tinha o porte esvelto e flexivel; não com a esvelteza e flexibilidade d'esses corpos do pelintra ou do janota que apenas apresentam o côrte e feitio da ultima moda de Paris, mas de contornos amplos e masciços, linhas bem pronunciadas, curvas perfeitas que fizeram-se para o desfraldo do poncho e a longa pantalona.

Os cabellos tombavão-lhe da frente em cachos que vi-nhão fluctuar sobre os hombros e espaldas.

Zéca Moxiba era um homem na accepção lata da palavra. Se vivesse na Grecia, antiga patria do bello, do antropomorphismo, dos idéaes plasticos, da esthetica estatuaria, obteria não' sómente corôa nos jogos gymnicos, como er-guer-lhe-ião um templo, como o fez Cretona com Felipe.

V

O FANDANGO

Fui pontual ao convite do Zéca Moxiba.

Antes de anoitecer montei a cavallo, e puz-me a caminho para um rancho que ficava além do Capão dos Caite-tús, e onde morava um dos posteiros da estancia.

Quando cheguei, já muitos outros havião-me precedido.

Os divertimentos da roça começam sempre cedo e sempre acabão tarde. Onde não ha frivolas etiquetas, e cada um vai meramente para divertir-se, o tempo adquire azas e tem a circueição do pensamento.

Em nossas cidades o sítio exclusivo dos sarões, dos bai-les e outras diversões nocturnas, não é o passatempo na reciprocidade de alegrias, não é o intervallo, o intersticio á monotonia e affans dos labores, é muito menos que tudo isto. São as salas ricamente adornadas para a exhibição de modas e tecidos séricos, de figuras que em sua maioria despem os ademanes naturaes, e portanto bellas, pelas at-titudes affectadas, e portanto ridiculas. Ahi a sinceridade é apenas uma palavra, a modestia um postico, como qual-quer outro em uso.

Os homens, se são moços, passam em revista, e atravez do *pince-nez* as filas de senhoras, e continuando a calçar as luvas que nunca acabão de calçar, balbucião um ou ou-tro pensamento fôso, quasi sempre relativo ao *toilette*. Riem-se das matronas, fazem espirito dos defeitos phisicos, e... são felizes as boas creaturas, os manequins da civi-lisação!

Se são de idade madura, uns agrupão-se n'um canto, e

além da chorumosa palestra sobre a vida alheia, fallão de politica, mas não de politica de principios, a das individualidades, tacanha e embeberada de odios e paixões; outros vão na copa molhar a palavra no vinho, no cognac e na cerveja, para debellar nos vapores alcoolicos o tédio que os assalta; emfim, alguns outros mettem-se n'uma sala contigua e passam a noite entre as mais variadas emoções, em continuo sossobro de animo, diante da meza do jogo.

As mulheres, se são moças, calumnião as companheiras, a quem julgão rivaes, nos dotes do corpo e da intelligencia, começando e acabando sempre a critica pelo vestuario. As mãis e tias encantoadas na sala, mexericação soffrivelmente sobre a chronica do presente e passado, dos vivos e mortos, anceião pelo chá, depois do qual bocejão de cinco em cinco minutos.

Ahi a dança não foi feita como um exercicio gymnico para os mencies facéis e flexibilidade dos membros. E' um simples pretexto para o namoro, e com toda a certeza um fóco adverso aos principios de hygiene.

Na roça, sim! Nada de ceremonias, embaraçadoras formalidades! Reina a franca alegria, o prazer transborda dos semblantes; a folia á proporção que se adianta, augmenta de vivacidade e movimento até o delirio. Bem ou mal todos cantão, todos dansão, torvelinhão na roda, sapateão, todos os pensamentos convergem para um mesmo fim: o contentamento geral.

Eu queria que estivesse aqui, meu amigo, para apreciar a teu bel-prazer.

Mal fechava a noite e já um velho fazia a viola retilintar sob os dedos amestrados. Duas lindas donzellas junto a elle entoavão as letras especiaes de cada danza. O rude instrumento campeiro era vibrado com tanta pericia, que parecia repetir distinctamente palavra por palavra do canto. O duo era de vozes tão frescas e sãs, tão puras e argentinas, que eu sentia-me verdadeiramente arrebatado.

Pelas 8 horas da noite aquillo era uma balburdia, uma pocêma desenfreada.

Eu logo tomei intimidade, e fazia taes loucuras, que julgarias impossivel n'um rapaz sizudo como eu e desengana-do por uma duzia de medicos.

Dansavão o anum e cantavão:

« O anum é passaro preto,
Passarinho do verão;
Quando canta á meia noite
Da-me dôr de coração. »

E o amphytrião, o tocador, ia marcando os passos da dansa e animando-a com estas vozes:

- Coritiba!
- Cerra e trava!
- Outra vez!
- Tico-tico!
- Olha o espinho!
- Mocadinho!
- Mocadão!
- Roda grande!
- Mata a cobra!
- Não vi nada!

Zéca Moxiba levava a palma a todos. Ninguem repini-cava a chilena como elle, ninguem floreira uma coritiba com mais chibantice e desembaraço.

— Só falta a Lulucha para emparelhar com o Zéca, di-zia-me um rapaz meu mestre de fandango.

— Porque não veio? perguntei-lhe verdadeiramente in-teressado por esta moça, de quem me fallavão tanto, e cujo nome vinha avivar o episodio de minha chegada na estau-cia.

- A mãe está hoje com a enxaqueca.
- Esta Lulucha é tão bonita como todos dizem?
- Se é, patricio! E' um botão de flôr.

Continúa.

TRIEMA.

UM TUMULO

I

Como se escôa o tempo! Tão de pressa
 A planta nasce, enflora,
 Que, aos brilhos d'uma aurora,
 No pédiculo curva a vida cessa.

Na terra tudo passa! N'um só dia
 A treva á luz se entrançal -
 O tufão e a bonança!
 Aqui — um berço, ali — a campa fria!

Mas a vida é a luta do futuro
 Entre dois cataclysmos,
 Dois immensos abysmos:
 Nascer, morrer — qual d'elles mais escuro.

D'onde vens? Onde vais, ó passageiro?
 No mundo o que procuras?
 Aquem — ha mil torturas?
 Alem — eterno empyreo prazenteiro?

Mysterio após mysterio, vãos problemas!
 Que a razão não resolve!
 E que se a crença solve,
 Não é, sem que, minha alma, muito gemas!

II

Era bello o passado. Quantas flores
 Colhidas pela estrada da existencia,
 Nos braços da amizade, doce raio
 Que duas almas doira, ao céu remonta
 N'um arroubo, n'um só, divino e casto,
 N'um só, em que dois seres se confundem,
 Rútula transfusão que Deos retrata!

Era bello o passado, um sonho ameno
 Na orla do lago azul da mocidade,
 Ao sol das esperanças sempre verdes.

A' turqueza dos céos ligeira névoa
 Não vinha macular o brilho puro.

Vivamos felizes. Quem não sente
 Na flôr da adolescencia eterna a ceiva,
 O horisonte sem fim, pequena a terra,

Para as aspirações que n'alma adejão?

E tu, Affonso Marques, n'estas festas
A' luz da primavera, quantas c'róas
Não cingias á fronte illuminada
Por precoce talento? Quantas palmas,
Se de teus labios a eloquencia em jorro
golfava effervescente?!
O' como lembro

Repassado de vividas saudades
Esse tempo que foi-se e mais não volta!
As lutas pela gloria e pelas crencas,
A patria estremeçada, a liberdade,
A consciencia em jubilos nadando,
O coração atado aos pés d'um sylpho,
D'uma illusão talvez, mas pura e bella!
Doce engano que n'alma vibra accordes
De etherea melodia, uns sons sem nome,
E que nem de Memnon a maga estatua
Ao beijo das auroras produzia,
E nem harpas cólias ao hafejo
D'uma noite de estio calma e leda!

Gratas recordações de santas eras,
Ao longe! Ao longe! Tudo se sumio!
D'aquella fronte scismadora e meiga,
Minã de intelligencia em veios rica;
D'aquelles olhos, ora brandos lumes,
Ora igneos metéoros coruscantes;
D'aquella bocca cheia de mysterio,
Ora soltando o verbo como o múrmur
Que o tímido regato perpassando
A medo pronuncia nas devesas,
Ora a voz de sonoro entusiasmo,
Repercussão que salta d'alma ao labio,
Ora mugir do mar que estoura ás praias
Ao soprar do pampeiro em vdo inрене,
O que nos resta então?

No chão da morte,
A' sombra dos cyprestes muda campa
E uma caveira dentro! Espolio triste!
Quadro que nos consterna e baga a baga
Debulha pela face ardente pranto!

III

Morrer tão cedo ao descerrar da vida,
Calir logo em principio da jornada
Tendo musculos rijos e na arteria
Exhuberancia e força em cada gotta.

Do sangue juvenil; e pela mente
 Sublimes construcções e novos mundos
 Em perspectiva alegre destacando;
 E d'alma bem no imo finas jóias
 E diamantes mil da juventude
 Em ouro refulgente encastoados;
 Tudo isto derrocado, em pó desfeito!
 Tanto anhelos e mimosas phantasias,
 A flôr da vocação, sonhos e creanças,
 Tudo gorado, morto, tudo em cinzas!
 O' que dóe, dóe devéras!

Quando os olhos
 O homem fecha ao cãmar do sol dos annos,
 Na fronte cava a ruga das fadigas,
 Nas temporas as cans crepesculares;
 Quando elle enfim exhausto da romagem,
 Do longo caminhar por sobre a terra,
 Já pede a Deos em prece fervorosa,
 Um maré de reponso, um termo ao fado,
 Que aos tropeços arrasta; ali a magoa
 Não é tão funda, acerba, lancinante,
 Não traz o desespero ao pé da tumba,
 Não arranca soluços, queixa amarga,
 Não nos cobre do crepe da descrença!

Mas um tumulo só?! E só poeira!
 O epitaphio na lousa e d'entre os vivos
 As marcessiveis flores da saudade
 Em grinaldas suspensas, e mais nada?

O' não! Não é possível, não o creio!
 O' não! que o pensamento, luz perenne,
 Como nas aras dos antigos Guebros,
 Elle, que illumina-te as profundezas
 E recessos do cranéo, abrindo a senda
 Para os cumes da gloria, elle que funde
 Em epopeia Homero e Christo em culto,
 Não perece nas dobras d'um sudario!

Na peripecia augusta, o trance extremo,
 Talvez que dispa a tunica de argila
 E desferindo o vôo em novo espaço
 Siga caminho, alem, para outros mundos,
 Melhores mundos de eternal ventura!

Não é incerta a vida do futuro,
 Sim, o pouso na crástina alvorada,
 Na seguinte manhã após a morte!

Quem sabe o sol ou Syrius seja a zona,

O clima bemfazejo que transforme
 O ser d'aqui partido em ser mais bello,
 De fórmas mais gentis, mais ampla a fronte,
 Cupula magestosa das ideias?!

Amigo, adeus! Um dia nos veremos
 Nas margens sempre verdes, sempre novas
 Do oceano sem fim da eternidade.
 Aonde? Como? E quando?

Deos o sabe!

IRIEMA.

1872.

INSPIRAÇÃO DE UM LUAR

Quando o sol se esconder, e a branca lua
 Doce luz espargir na varzea plana;
 E a brisa resvalar por entre a relva,
 Aflando no cercado a verde canna:

A' hora em que o silencio é mudo e falla;
 Em que se eleva a alma em mago encanto,
 Indo a mundos de amor e de chimera,
 Em busca do ideal fagueiro e santo...

Deixa a janella — e a pallida lucina
 Nosso amor illueide aos frouxos raios...
 Seja thalamo a relva, e a brisa livre
 A fronte te refresque em teus desmaios.

Quando acordares d'esse amor dormente,
 Um beijo mais agrupe os labios teus;
 Em suave arrulo irei buscar-o exangue,
 Aninhando-o nos quentes labios meus.

Então — à luz que te palleje o lindo rosto
 Verás cahida da laranja a flôr;
 Mas o meu seio a guardará constante,
 Como reliquia de teu casto amor.

A. CANDAL.

CHRONICA

A humanidade curva-se luctuosa diante de dois ataúdes que encerrão dois grandes vultos, symbolos gloriosos da inspiração, da garantia de liberdade e do progresso das nações.

Sim... Não é só a França que lamenta a morte de Thiers; não é só o patriótico povo francez que delira na oppressão de uma ddr immensa: é tambem o mundo inteiro que visa seu destino pela inscripção do estandarte heroico, que se alteia nas muralhas d'esse emporio de civilisação — A Republica da França!

A beira do abysmo profundo em que desaparece o denodado campeão das mais transcendentes epochas contemporaneas da patria de Lamartine e Hugo, prostrão-se os povos cultos, porque com a queda fatal d'aquelle vulto ingente submerge-se uma geração!

Se ha contingencias dolorosas na vida das nações, são por certo, como estas, em que a razoura eterna nivella no chão dos cemiterios o que ha de mais caro sobre a terra, cavando um vacuo que só a successão dos tempos póde preencher.

E, será acaso ou destino?... Quando ainda não extincto dos ambitos do mundo o ultimo som do suido pungente, que produzio o desabar do cedro historico, — Portugal destaca-se, concentra-se no lar forrado de crepe, porque tem outro prestito funebre, como aquelle immenso; porque uma das mais elevadas columnas de seu monumento de glorias tambem tomba ao sopro destruidor do temporal da fatalidade!

E o velho Portugal soluça debruçado sobre o esquite saudoso do cantor da «Harpa do Crente»!... Esão justas as suas lagrimas...

O Cysne que fendia a immensidade desprende seu canticó derradeiro, e uma aragem tépida e monotona vem n'uma surdina plangente ferir o coração portuguez: — o pensador profundo, o historiador austero e eminente, a imaginação ardente que creou «Eurico» e o «Monge de Cister», gelou-se ao halito do anjo da morte!...

E o céu de Portugal ensombra-se, o sol que o irradiava tocou ao occaso, e a nuvem bulcanica estende-se e domina a amplidão, porque o genio prescrutador que espelhava o seu brilho e pureza, tem nas pupillas o véo da morte e a alma a adejar quem sabe por que mundos!

Alexandre Herculano desapareceu do scenario da vida, e no sudario em que se envolve vai um mundo de creneças, um apostolado sublime do que ha de grandioso e santo no coração da humanidade.

Assim como era um astro refulgente do olympto das letras portuguezas, era tambem um d'esses caracteres inquebrantaveis, e a sua existencia foi uma luta sem tregoa, em prol da liberdade e dos grandes principios, um exemplo edificante para a grande coragem moral dos povos.

França e Portugal, n'um amplexo doloroso, amergidas no scismar fundo, envoltas na negra procella do destino, têm os prantos da immensidade humana por sobre as lapides funerarias que guardão no solo, porque ellas encerrão os restos preciosos de varões illustres, que tinham por patria o Universo!

R. DA SILVA.